

LUANA PRISCILA MIGUELINA DOS SANTOS

**Educação e Sociedade: A atualidade da Pedagogia do Oprimido na
educação brasileira**

**GOIÂNIA
2021**

LUANA PRISCILA MIGUELINA DOS SANTOS

**Educação e Sociedade: A atualidade da Pedagogia do Oprimido na
educação brasileira**

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Professor Orientador: Me. Nelson Carneiro Junior

**GOIÂNIA
2021**

LUANA PRISCILA MIGUELINA DOS SANTOS**Educação e sociedade: a atualidade da pedagogia do oprimido na educação brasileira**

Apresentação de TCC, na modalidade de Monografia II, no Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Prof.º Orientador: Me Nelson Carneiro Júnior _____

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Prof.ª Convidada: _____

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Nota Final: _____

Goiânia ____/____/2021

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado à minha fonte de inspiração ,exemplo e força, minha mãe a senhora Ana Lucia dos Santos, que permaneceu ao meu lado durante toda a minha trajetória. Que me incentivou a prosseguir em busca dos meus objetivos e mesmo quando no sexto período eu pensei em parar disse: não, eu estou aqui com e para você. Quando minha filha nasceu a senhora passou a ir para a faculdade junto comigo e minha pequena Valentina e este gesto me impulsionou e eu não parei . Em 2015 foi inevitável e eu tive que, não desistir, mas, adiar o nosso sonho de terminar minha graduação . Os anos se passaram e a senhora nunca desistiu de mim, sempre lembrando que eu poderia ir além, acreditando em mim quando nem eu acreditava mais.

A depressão me invadiu as crises de pânico me paralisando e você estava lá firme e forte como uma fortaleza. Hoje, lhe dedico este trabalho que não é só meu, mas nosso porque se eu consegui chegar até aqui foi por que a senhora não desistiu de mim e tudo que eu faça será sempre muito pouco diante de tudo que a senhora fez e faz agora não mais só por mim mais para suas netas também. Nós conseguimos e nada mais justo que comemorar com a senhora esta conquista esse sonho meu, que tornou o seu sonho também te amo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir realizar mais esta conquista, ao meu esposo Jodair Rodrigues, as minhas filhas Valentina e Alice por compreender todas as minhas mudanças de humor ao longo da produção deste trabalho de conclusão de curso, que é bastante árduo e estressante.

A todos os professores que fizeram parte da minha formação acadêmica dentre eles eu gostaria de destacar a professora , Lúcia Câmara, Eliane Silva, Roseane, Aldimar, Rodrigo Fidelis que fizeram sair da minha zona de conforto abrindo horizontes, antes nunca imaginados por mim.

Ao meu professor e orientador Nelson Carneiro que se tornou um querido para mim , pessoa humana que tem um respeito para falar tudo que precisa ser dito, sempre se colocando no lugar do outro foi um prazer ter você como meu orientador.

"Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo." (FREIRE,2019, p.95)."

SUMÁRIO

RESUMO.....	08
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: PAULO FREIRE VIDA E OBRA.....	14
CAPÍTULO 2: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E CONTEMPORÂNEAS DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO.....	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	23

RESUMO

Esta monografia pretende realizar uma discussão acerca da atualidade da obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire. No primeiro capítulo tem-se a apresentação cronológica dos principais acontecimentos da vida de Freire e como estes se relacionam com a sua produção teórica. No segundo capítulo tem-se a leitura atualizada da obra e a identificação dos seus principais contextos.

Palavras Chaves: Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido, Dialogicidade, Liberdade, Integralidade

ABSTRACT

This monograph intends to carry out a discussion about the actuality of Paulo Freire Pedagogy of the Oppressed. The first chapter presents the chronological presentation of the main events in Freire life and how these relate to his theoretical production. The second chapter presents an updated reading of the work and the identification of its main contexts.

Key Words: Paulo Freire, Pedagogy of the Oppressed, Dialogicity, Freedom, Integrality

INTRODUÇÃO

A educação deve proporcionar o maior número possível de experiências que estimulem a aprendizagem e o desenvolvimento do sujeito estabelecendo uma relação dialógica que propicie uma troca de saberes entre o alfabetizador e o alfabetizando. Ao longo do curso de Pedagogia da PUC Goiás diversos questionamentos sobre educação e alfabetização foram realizados durante a minha formação.

O primeiro contato com textos de Paulo Freire aconteceu no segundo período do curso de Pedagogia nas aulas de Teorias da Educação. A disciplina apresentava de forma ampla as principais tendências pedagógicas clássicas, dividida em dois grupos: a perspectiva liberal e a perspectiva progressista de educação. Nas leituras realizadas conheci a tendência libertadora e identificada com as ideias do autor fui realizar a leitura de sua Pedagogia do Oprimido.

Acerca da minha leitura do livro Pedagogia do Oprimido foi de muita relevância para o meu crescimento como pessoa e como educadora. Existem dois tempos da minha vida: o primeiro, antes de Paulo Freire e, o segundo, depois de Paulo Freire. No início da obra Freire revela que: “Os métodos da opressão não podem, contraditoriamente, servir a libertação do oprimido. Nessas sociedades, governadas pelos interesses de grupos, classes e nações dominantes, a educação como prática da liberdade postula, necessariamente, uma pedagogia do oprimido. Não pedagogia para ele, mas dele.(FREIRE,2019,P.11)”.

A partir da leitura foi possível compreender que, eu assim como todo sujeito que está inserido na sociedade de classes onde todas as ações são pensadas planejadas para beneficiar a classe dominante recebi uma educação que Paulo Freire chama de Educação Bancária, pedagogia essa na qual o sujeito recebe todo e qualquer conhecimento pronto para decorar e reproduzir mantendo o sujeito em uma inércia intelectual preso ao ciclo interminável de reprodução.

Todas as comemorações que estão ocorrendo por todo o nosso país e mundo para celebrar o centenário de Paulo Freire são de suma importância para a educação brasileira. O atual momento social que enfrentamos aponta um retrocesso no acesso e direito à educação escolar. Esta monografia pretende discutir as principais ideias relativas às pedagogias do oprimido e pedagogia da autonomia, reforçando a importância do pensamento de Paulo Freire e a relevância das suas propostas para uma nova abordagem no campo da educação.

CAPÍTULO 1: PAULO FREIRE VIDA E OBRA

Paulo Freire é um dos educadores mais importantes do Brasil. Sua obra e seus conceitos ganharam espaço no mundo todo por uma abordagem inovadora e política. Para acompanhar o pensamento de Paulo Freire é importante compreender aspectos da sua vida que tem uma ligação profunda com a sua proposta educativa. Coerentemente com o que dizia sobre a relação dialética entre o ser humano e o seu mundo, usou a vida e as coisas do dia a dia para, a partir delas, construir o seu pensamento. Em Freire vida, pensamento e obra formam um só tecido.

Paulo Reglus Neves Freire nasceu em Recife no dia 19 de Setembro de 1921. Começou a ser conhecido como Paulo Freire desde a adolescência. Seu pai, Joaquim Temístocles Freire, foi oficial da Polícia Militar de Pernambuco e sua mãe, Edeltrudes Neves Freire, uma zelosa dona de casa. Por muitas vezes, em conferência e escritos, Freire se referia a sua infância. Sempre com lembranças mescladas de saudades, emoções e revelando que, mesmo na infância, trazia uma grande curiosidade ao olhar para o mundo que o cercava (BARRETO,2003)“Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz”.

Com a crise da bolsa de valores em 1929 que abalou economicamente o mundo, e repercutiu no Brasil afetando a economia do país, tal fato interferiu na vida do menino Paulo Freire. Sua família era de classe média, e foi obrigada a deixar a casa em Recife para morar em Jaboatão, município vizinho de Recife. A chegada em um bairro da periferia foi importante na formação de Paulo Freire. Foi em Jaboatão que perdeu o pai e conhece o significado da pobreza.

As dificuldades enfrentadas levaram Paulo a perceber que havia algo de errado num mundo onde algumas pessoas eram submetidas a tantas carências e que estas injustiças podiam ser mudadas. Sua educação inicial começou com o ingresso no Colégio Oswaldo Cruz, em Recife, por meio de bolsa concedida pelo diretor. Quando se formou, Freire tornou-se a auxiliar de disciplina e professor de Língua Portuguesa.

Em 1943, ingressou no curso de Direito da Universidade de Recife e, em 1944, casou-se com sua primeira esposa, a professora Elza Maia Costa de Oliveira, casamento que durou até o falecimento de Elza, em 1986. Em 1947, Freire foi nomeado diretor do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria, iniciando um trabalho com a alfabetização de jovens e adultos carentes e de trabalhadores da indústria.

Em 1959, Paulo Freire passou no processo seletivo para a cátedra de História e Filosofia da Educação, da Escola de Belas Artes da Universidade de Recife. Em 1961, tornou-se diretor

do Departamento de Extensões Culturais, da Universidade de Recife. Este cargo o possibilitou realizar as primeiras experiências mais amplas com alfabetização de adultos, que culminaram na experiência da cidade de Angicos, no interior do Rio Grande do Norte.

Por possibilitar a alfabetização de jovens e adultos em cerca de 40 horas, o método desenvolvido por Paulo Freire inspirou o Plano Nacional de Alfabetização, que começou a ser encabeçado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) ainda no governo de João Goulart no final de 1963.

O Plano Nacional de Alfabetização poderia levar o letramento a até seis milhões de brasileiros, o que significaria seis milhões de novos eleitores fora das classes dominantes. Esses fatores foram decisivos para que, em abril de 1964, o Plano Nacional de Alfabetização fosse cancelado pelo regime militar que se iniciava no país. Por causa de sua atuação nas experiências de educação popular no período, Paulo Freire foi preso.

Paulo Freire passou 70 dias preso. Depois de ser interrogado várias vezes, foi aconselhado por amigos a sair do país ainda em 1964. Ao contrário do que vem sendo falado, a metodologia de Paulo Freire não chegou a ser aplicada como política pública de educação em nosso país. Experiências de educação popular no final dos anos 1950 e início dos anos 1960 apontavam a possibilidade de uma outra abordagem na educação brasileira.

Com o golpe militar de 1964 as experiências de educação popular foram extintas. Para os militares que chegavam ao poder não seria interessante que as classes oprimidas tivessem uma educação conscientizadora. Isto é algo perigoso que poderia ameaçar a hegemonia de poder de determinados grupos sociais.

No exílio, foi primeiramente para o Chile, onde coordenou projetos de alfabetização de adultos pelo Instituto Chileno da Reforma Agrária, por cinco anos. Em 1969, o professor foi convidado a lecionar na Universidade de Harvard. Em 1970, foi consultor e coordenador emérito do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), com sede em Genebra, na Suíça.

Em 1978, a Lei da Anistia permitiu o retorno de exilados políticos. Até o seu retorno ao Brasil, em 1980, Freire fez viagens a mais de 30 países pelo CMI prestando consultoria educacional e implementando projetos de educação voltados para a alfabetização, para a redução da desigualdade social e para a garantia de direitos. Foi nesse período em que o pensador brasileiro implementou importantes projetos educativos em Guiné-Bissau, Moçambique, Zâmbia e Cabo Verde.

Em 1980, Freire retorna ao Brasil. E passa a lecionar na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e na Universidade de Campinas (Unicamp). Em 1986, sua primeira

esposa, Elza, com quem teve cinco filhos, morreu. Em 1988, Freire casou-se com sua segunda esposa, Ana Maria Araújo, com quem permaneceu até a sua morte, em 1997.

Entre 1988 e 1991 Freire foi nomeado secretário de educação do município de São Paulo. Ao deixar o cargo, Paulo disse “ Não estou deixando a luta , mas mudando, simplesmente , de frente. A briga continua a mesma . Onde quer que eu esteja , me empenharei em favor da escola pública e democrática”.

A promessa de escrever sobre educação foi cumprida fielmente. A partir do momento em que deixou a secretaria , Freire escreveu diversas obras como A educação na cidade(1991), Pedagogia da Esperança (1992), Política e Educação(1993), Professora sim, tia não(1993), Cartas a Cristina(1994), A sombra desta Mangueira(1995) e, por último, Pedagogia da Autonomia.(1997). Em todas estas obras, Paulo Freire continuou pensador e poeta profético e esperançoso.

No dia 2 de maio de 1997, Paulo Freire morreu, aos 76 anos, após passar por uma angioplastia e apresentar um complexo quadro de saúde devido a problemas no sistema circulatório. Em vida e postumamente, o professor Paulo Freire foi condecorado com 48 títulos honoríficos. Em todo o mundo, cerca de 350 escolas e instituições, como bibliotecas e universidades, levam o seu nome como forma de homenagem. Em 2005, foi criado um projeto de lei para reconhecer Paulo Freire como Patrono da Educação Brasileira. O projeto de lei foi sancionada em 2012, por meio da Lei 12.612/12.

Paulo Freire defendia uma educação que valoriza o indivíduo como um todo; que ao contrário das práticas atuais das escolas tradicionais e conservadoras; que tende a manter o indivíduo domesticado diante da sociedade machista, discriminatória , e racista acomodando-os a este mundo para que os mesmo não criem um pensamento crítico.

O processo de desconstrução e construção é contínuo impactante e doloroso, afinal é preciso se desvencilhar de muitos conceitos internalizados ao longo dos anos. Porém a esperança, o conceito que Paulo Freire chama de Método de conscientização diz que as ações pedagógicas devem permitir ao sujeito se redescobrir-se e se recriar de forma dialógica e reflexiva. E que esse redescobrir-se deve acontecer de forma coletiva de modo que haja o reconhecimento de si no outro.

Está atitudes de fé nas possibilidades de mudanças, que mais tarde ele chamou de “otimismo crítico” , tornou-se uma das marcas da sua pedagogia: indignação frente à realidade injusta, mas também luta pela sua transformação. Foi por isso, em Jaboatão, na convivência com a pobreza, que Paulo se preparou para o compromisso com os oprimidos.

CAPÍTULO 2: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E CONTEMPORÂNEAS DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Pedagogia do Oprimido é uma das obras mais importantes escrita por Paulo Freire. Esta obra foi escrita em 1967 durante seu exílio no Chile. A publicação em português, porém teve sua primeira edição publicada por uma editora inglesa em 1970 devido a ditadura militar e a lei da censura que aqui vigorava. A Pedagogia do Oprimido só foi publicada no Brasil em 1974.

O livro está dividido em quatro capítulos: o primeiro apresenta a justificativa da Pedagogia do Oprimido; o segundo, desenvolve a Concepção Bancária da Educação como instrumento da opressão; o terceiro capítulo apresenta a importância da Dialogicidade como Essência da Educação como Prática da Liberdade, e o quarto e último capítulo apresenta a Teoria da Ação Antidialógica .

O capítulo primeiro traz uma discussão acerca da contradição dialética entre opressor e oprimido. O autor indica que vivemos em uma sociedade governada por grupos da classe dominante onde os mesmos são os criadores dos métodos educacionais, métodos esses que tem como objetivo direto atender as necessidades da classe dominante.

Deste modo é necessário que haja um processo dialógico de humanização da sociedade numa luta constante pelo trabalho livre, pela desalienação do opressor e do oprimido. Homens estes que sofrem uma violência dos opressores que os leva a um processo de “O ser Menos” hospedando dentro de si o opressor vivendo uma dualidade deste modo, Freire (FREIRE, 2019, p.45) indica que :

“ A sua visão do Homem novo é uma visão individualista. A sua aderência ao opressor não lhes possibilita a consciência de si como pessoa, nem a consciência de classe oprimida. Desta forma , por exemplo , querem a reforma agrária , não para se libertarem, mas para passarem a ter terra e, com esta, tornarem-se proprietários ou , mais precisamente, patrões de novos empregados(FREIRE,2019,P.45)”.

Enquanto não se reconhecem como classe oprimida, os opressores seguem acomodados na engrenagem da estrutura da classe dominante preferindo adaptar-se a essa condição por medo ou insegurança e tal situação gera um conflito interno onde querem se libertar, mas temem essa liberdade pois, ao longo do processo de violência em que foram coisificados deixaram de ter autonomia, vivendo de um modo alienado que os levava a acreditar serem incapazes de ser autores de sua própria história.

A partir desta premissa, deve-se compreender que a pedagogia libertadora precisa estabelecer uma relação dialógica com o sujeito e o reconhecer como produtor de cultura. O

adulto pensa, age, cria, recria e interage com seus semelhantes e com o mundo; assim proporciona ao sujeito ações educativas que o permita reconhecer-se como oprimido e desta maneira se contrapor a situação vivenciada podendo de forma consciente engajar-se na luta por libertar-se.

Educadores devem sempre incentivar a práxis da libertação e ter consciência que o processo de libertação é tão violento quanto o processo que os cria com a diferença que este ato dos oprimidos de se rebelar pode inaugurar o amor enquanto o processo que os cria apenas o impedem de ser. Como indica Freire (FREIRE, 2019, p. 60) “por isso é somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam”.

Este processo de violência vai passando de geração em geração criando opressores com ações cada vez mais refinadas de opressão. Miguel Arroyo (2019) afirma como o pensamento de Paulo Freire é atual porque a opressão é atual e requintada. Os anos se passaram, porém o marco temporal continua o mesmo, pois a forma em que o sujeito é visto é a mesma de quando os portugueses chegaram ao Brasil em 1500 e gritaram terra à vista. Os colonizadores estrangeiros desconsiderando tudo e todos que aqui já habitavam, por que para eles pessoa humana e somente eles o resto são coisas e o direito que vale é somente o seu. Como revela (ARROYO,2019. P. 63):

“A terra, os bens, a produção, a criação dos homens, tudo se reduz a objeto de seu comando. Nesta ânsia desenfreada de posse, desenvolvem em si a convicção de que lhes é possível transformar tudo a seu poder de compra. Daí a sua concepção estritamente materialista da existência. O dinheiro é a medida de todas as coisas, e o lucro, seu objetivo principal (ARROYO,2019. P. 63)”.

Paulo Freire reconhece os oprimidos, segregados em nossa história, que vivem à margem do processo de humanização como humanos, sendo eles sujeitos não apenas de educação para o trabalho para servir seus opressores, mas humanos já. Compreende-se que uma das maiores violências contra o indivíduo é não o reconhecer como ser humano, condição que somos, porém nem sempre estamos sendo por condições segregadoras que nos torna inhumanos.

A ação libertadora vem por meio da reflexão e da ação (FREIRE, 2019,p.77) diz que devemos aprender com os oprimidos que não se limitam a afirmar-se humanos, contudo, “Não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, e que a liderança revolucionária em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase coisas, com eles estabelecer uma relação dialógica permanente (FREIRE, 2019, p.77)”.

O segundo capítulo faz uma análise acerca das contraposições da educação problematizadora e da educação bancária. A educação bancária tem uma característica marcante que é estabelecer uma comunicação entre educador-educando prioritariamente narradora e dissertativa. A educação bancária identifica que a realidade social é algo parado, traz conteúdos desconectados e alheios à realidade vivenciada pelo educando transformando a palavra em verbosidade alienada. Dessa forma, segundo (FREIRE, 2019, p. 80) “em lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados e depósitos que os educandos meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção bancária da educação”.

Na educação bancária, que mantém os homens fora da busca do saber mais, fora da práxis, os homens não podem ser mais, afinal só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Tais ações tendem a absolutizar a ignorância do homem constituindo o que é chamado de “alienação da Ignorância”, ignorância esta que se encontra sempre no outro.

Na educação bancária o educador é tido como aquele que pensa, que sabe, que detém o conhecimento, que disciplina, que opta e prescreve sua opção, que atua, que escolhe os conteúdos programáticos deste modo o educador e o sujeito de todo processo e os educando meros objetos do processo segundo (FREIRE, 2019, p. 83):

“Nesta visão bancária da educação, os homens sejam vistos como seres de adaptação do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele como sujeitos (FREIRE, 2019, p. 83)”.

O educador, que aliena a ignorância nega a educação e o conhecimento como processo de busca do educando estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfazendo assim os interesses dos opressores, que é de manter os oprimidos dependentes de sua falsa generosidade, se posicionando sempre de forma contrária a qualquer educação que estimule o pensamento autêntico do sujeito pois “na verdade, o que pretendem os opressores é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime, e isto para que, melhor adaptando-os a esta situação, melhor o dominem.” (Freire, 2019, p. 84)

Deste modo o pensar autêntico e crítico na visão dos opressores é perigoso e por isso reforçam as práticas da educação bancária com ações sociais de caráter assistencialista que permite tornar os oprimidos em massa de manobra para alcançar seus objetivos. Ao contrário do que se pensa, os marginalizados não estão fora ou à margem; na verdade, fazem parte do processo dos opressores de construir seres para outros e assim atender aos objetivos das classes dominantes.

Neste sentido, a solução para uma efetiva libertação dos oprimidos é não se integrar a esta estrutura que os oprime. Os oprimidos devem construir pensamentos autênticos e críticos que os permita transformar a realidade em que vivem, podendo assim fazer seres para si. No entanto (FREIRE,2019 , p.92) indica que:

“Para as elites dominadoras , esta rebeldia , que é ameaçada a elas, tem o seu remédio em mais dominação na representação feita em nome , inclusive, da liberdade e no estabelecimento da ordem e da paz social. Paz social que , no fundo, não é outra senão a paz privada dos dominadores (FREIRE,2019 , p.92)”.

Ao denunciar e criticar a educação bancária não se deve esperar que as classes dominantes recuem ou renunciem às suas práticas dominadoras tal pensamento seria demasiadamente ingênuo, no entanto o educador deve agir crendo na educação, praticando uma educação problematizadora que viabiliza a transformação dos alunos e de si.

Partindo deste pressuposto, o educador já não é o que apenas educa , mas o que , enquanto educa, é educado, estabelecendo uma relação dialógica onde educador-educando são sujeitos do processo . A educação problematizadora, de caráter autêntico reflexivo implica num constante ato de desvelamento da realidade, percebendo o indivíduo como seres que estão em constante movimento como seres inacabados , inconclusos em e com uma realidade de que , sendo histórica também , é igualmente inacabada.

A partir do momento que o homem cria essa consciência de ser inacabado inconcluso a educação se refaz de forma constante por meio da práxis para ser tem que estar sendo. Como apresenta (FREIRE,2019, p.103):

"Daí que este ponto de partida esteja sempre nos homens no seu aqui e no seu agora que constituem a situação em que se encontram ora imersos, ora emersos, ora insertados. Somente a partir desta situação, que lhes determina a própria percepção que dela estão tendo, é que podem mover-se.(FREIRE,2019, p.103)”.

É de fato um ato de grande violência desconsiderar os homens como sujeitos históricos que são, e que vivem um movimento de busca de si em relação aos outros homens sendo sujeitos do seu próprio movimento. Essa busca do ser mais, só é possível quando realizado na comunhão na liberdade de poder existir.

“Por isso é que esta educação, em que educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador bancário, supera a falsa consciência do mundo[...].ação transformadora dos homens , de que resulte a sua humanização. Esta é a razão por que a concepção problematizadora da educação não pode servir ao opressor. Nenhuma ordem

opressora suporta que os oprimidos todos passassem a dizer por que?” (FREIRE, 2019, p. 106)”.

O capítulo três A Dialogicidade Essência da Educação como Prática da Liberdade faz uma reflexão acerca da importância do diálogo na e para a educação como prática libertadora tendo em vista que os homens se fazem por meio da palavra, no trabalho e na ação reflexão. Partindo deste pressuposto a palavra não pode ser apenas falácias sem objetividade, a palavra deve sempre ser afirmada pelo exemplo. Não é possível dar credibilidade a uma reflexão que não está coerente com a ação. Dessa forma o discurso ao ser pronunciado pode produzir uma ação de transformação no modo de agir e pensar do sujeito.

O diálogo é definido como uma fala onde há a interação entre dois ou mais indivíduos, neste sentido o diálogo é uma exigência existencial do ser humano e tal ação não pode ser feita no isolamento ou de forma individual, mas, sim ,na comunicação entre homens e para que se estabeleça uma relação de dialogicidade entre os sujeitos. Freire diz que é preciso ter cinco condições para o diálogo.

A primeira condição para uma relação dialógica é o amor, sentimento que se constitui a partir da liberdade que o outro tem de se expressar e mais ainda de ser ouvido. O amor permite nos colocar no lugar do outro, podendo de modo assertivo compreender as necessidades e os pensamentos do outro por meio da palavra de forma corajosa e verdadeira. Isto é impossível em uma condição de opressão onde o medo impera, onde o outro é silenciado por meio de um monólogo autoritário que tem como objetivo a dominação do sujeito.

“Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens , não me é possível o diálogo[...].Não há diálogo se não há humildade, como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim (FREIRE, 2019, p.111)”.

A segunda condição para uma relação dialógica e a humildade. O educador precisa identificar as necessidades reais dos seus alunos .Ao dialogar com o sujeito não pode ter receio ou medo do saber do outro. É preciso estabelecer uma relação dialógica de respeito e humildade mesmo que o ponto de vista do outro seja contrário ao nosso, tendo em vista que, não existe saber mais ou saber menos e sim saberes diferentes . É preciso ter humildade para dialogar e junto de forma coletiva construir novos saberes.

“Ao fundar-se no amor, na humildade , na fé nos homens , o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um pólo a outro é consequência óbvia .Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé , o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos (FREIRE, 2019, p.113)”.

A terceira condição para uma relação dialógica é a Fé. Esta fé a qual nos referimos não é uma fé em um ser divino, religioso e superior. É a fé nos homens e no seu poder de criar e recriar o seu contexto como sujeitos históricos que são e por estar sendo estão em um processo de constante criação. Esta fé nos homens não é, segundo Freire, ingênua e sim uma fé que reconhece como sujeitos críticos que obtém esse poder de criação e que mesmo em condições desfavoráveis podem renascer e se reconstruir ressignificando sua condição de oprimido. Quanto mais esta fé nos homens se estabelece mais é possível obter um diálogo sem hipocrisias baseado na verdade, no exemplo e na confiança tornando-os cada vez mais unidos nesta pronúncia do mundo.

“A confiança implica o testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções. Não pode existir, se a palavra, descaracterizada, não coincide com os atos. Dizer uma coisa e fazer outra, não levando a palavra a sério, não pode ser estímulo à confiança. Falar[...]em democracia e silenciar o povo é uma farsa, falar em humanismo e negar os homens é uma mentira (FREIRE,2019,p.113)”.

A quarta condição para uma relação dialógica é a esperança. É ela que impulsiona nossas ações e intencionalidade, que nos move em busca de um novo pensamento que não se confirma de forma isolada, mas considera o valor da experiência coletiva e da comunicação dos homens com os homens e com o mundo.

Neste contexto a esperança não deve ser no sentido de esperar ou se conforma com a opressão e todas as injustiças que há neste sistema opressor que perpassa de geração em geração é sim uma esperança que nos faça desejar é lutar cada vez mais pela restauração da humanidade que foi perdida mediante tantas violências e injustiças praticadas pelos opressores em nome de um bem maior. Freire (2019,p.114) aponta que: “Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero”

A quinta condição para uma relação dialógica é o pensar verdadeiro. Este só pode ser gerado a partir de um diálogo que parte do pensamento crítico, expansivo e criativo, que vislumbra o sujeito na sua totalidade como o sujeito da ação que está sempre em movimento, este pensar verdadeiro se opõe ao pensar ingênuo. Somente no diálogo verdadeiro é possível expandir os pensamentos e os saberes do sujeito e assim praticar de forma efetiva uma educação libertadora.

O capítulo quatro faz uma análise acerca da teoria dialógica. Ela se constitui por meio da práxis, ou seja, pela ação embasada na reflexão. essa práxis revolucionária estabelece um confronto direto com um modelo de educação verbalista e tradicionalista que entende o sujeito

como depósito de saberes que não promove ações que possibilite a este sujeito construir seu próprio conhecimento.

A teoria dialógica vem dizendo que educar não é apenas transmitir saberes. Esta metodologia não contempla o sujeito na sua integralidade. O educador deve propiciar o máximo possível de experiências que possibilite o educando se reconhecer como sujeito transformador da realidade. Os conteúdos estudados podem ser refletidos, repensados acerca das situações de injustiças que vivem na sociedade a qual fazem parte, e a partir desta consciência mudar a sua realidade injusta e opressora em que vivem.

No entanto, toda ação que tem em sua intencionalidade propiciar o despertar das classes oprimidas é fortemente criticada pelos opressores, , não devemos desanimar com os percalços existentes no percurso devemos manter o foco em pronunciar a palavra a mentes alienadas. Assim como em qualquer transformação, esta não será uma tarefa fácil, no entanto não é impossível como os opressores querem que acreditemos, na verdade só estão temendo a perda do seu domínio e poder sobre os oprimidos.

“Enquanto , no processo opressor, as elites vivem da “morte em vida” dos oprimidos e só na relação vertical entre elas e eles se autenticam, no processo revolucionário só há um caminho para a autenticidade da liderança que emerge: “morrer” para reviver através dos oprimidos e com eles. Na verdade, enquanto no primeiro é lícito dizer que alguém oprime alguém, no segundo, já não se pode afirmar que alguém liberta alguém, ou que alguém se liberta sozinho, mas os homens se libertam em comunhão (FREIRE,2019, p.179)”.

A teoria da ação dialógica tem quatro características que a constituem: a primeira e a Colaboração onde os sujeitos se encontram para transformar o mundo em colaboração uns com os outros. A segunda, é a União onde a liderança se organiza num esforço contínuo de unir os oprimidos entre si, pois divididos são mais fáceis de dominar. A terceira, é a Organização, esta organização tem que estar elencada com o exemplo autêntico devendo estar atento para em meio a este anseio e a última característica da ação dialógica e a Síntese Cultural , momento em que se tem a superação da própria cultura alienada e a confirmação da libertação.

Como indica (FREIRE,2019,p.253) na última frase do livro, Freire confessa sua fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar. A luta pela educação do povo pobre renova a tradição da educação libertadora que não facilita o amor, mas assume as suas dificuldades. A Pedagogia do Oprimido é uma obra atual? Sim. Por que? Porque ainda vivemos em uma sociedade em que o capital está acima das pessoas. Este modelo econômico capitalista fragiliza e corrompe a vida humana. Predomina a cultura do descarté, onde os seres

humanos são reduzidos a meras coisas são consumidos é quando perdem sua utilidade são descartados e substituídos.

Os processos de opressão são aprimorados com o passar do tempo, essa prática de opressão e violência vão se repetindo e se perpetuando com o passar dos anos. Depois de 40 anos de publicação, a Pedagogia do Oprimido continua problematizando questões essenciais em nossa sociedade segundo Schoner (2010, p.68):

“A questão central desta obra é o ser humano em suas complexas dimensões: ontológicas, antropológicas, éticas, políticas. Pensar o ser humano como problema, em sua relação com o mundo, seus condicionamentos e desafios, implica a consciência de sua história e de como superar sua desumanização(SCHONER,2010, p.68)”.

Violência que está nas estruturas das nossas escolas que se encontram deterioradas por falta de investimento, no transporte escolar que não existe e, quando existe possui uma frota sucateada. A violência está no salário dos professores e de todos os colaboradores que trabalham na educação que se encontram defasados. Violência quando se tem a obrigação de seguir um currículo que não atende a integralidade dos seus alunos.

Alunos que por falta de políticas públicas que assegurem os seus direitos básicos para se ter uma vida com o mínimo de dignidade assumem cada vez mais de forma precoce responsabilidades que os impossibilitam de frequentar uma escola. Vivemos dias em que essa exclusão do coletivo tem aumentado que, seus direitos têm sido negado por este Estado que deveria propiciar condições dignas para sua existência, no entanto (Arroyo,2015) indica que:

“A opressão não é apenas desumanização da violência de ser condenados a viver na miséria, na fome, em lugares inumanos nem a vivência da opressão é apenas não ser do mundo comum, público, da cidadania, dos direitos políticos, cidadãos. Institucionalizar a opressão em nível das violências de Estado radicaliza-a em nível de extermínio. Rouba-se mais do que a possibilidade de ser-mais .Roubam-se possibilidades de viver. Dados mostram que jovens adolescentes e até crianças são um dos grupos vítimas dos extermínios e das violências de Estado.(Arroyo,2015)”.

Todos esses problemas já existiam em nossa sociedade e a pandemia veio ressaltar toda essa desigualdade social que existe em nosso meio onde se fez necessário gritar “vidas importam” diante do caos que se instaurou na saúde pública do nosso país.

Um dos direitos básicos do ser humano, que é o direito à saúde lhes foram negados e, milhares de vidas se perderam por causa de um governo negligente que pratica uma política negacionista e, mesmo em meio a este momento extremamente grave, tenta prosseguir

embasado em uma visão neoliberal, de que a crise na saúde na educação a qual estamos vivendo é de cunho gerencial.

Enquanto isso, a juventude das classes populares, em especial, e a sociedade como um todo sofre. A evasão escolar é muito grande, e por que estes alunos não têm voltado para as salas de aula? Se na legislação este direito nos está assegurado “o direito à educação”, porém, ter esse direito no papel não nos assegura que, ele de fato, se efetive na prática, é preciso que, haja uma democratização deste ensino, para que haja na prática por meio do processo escolar a efetivação destes direitos, no entanto:

“Essa radicalidade crítica-ética de Paulo Freire ao pensamento pedagógico hegemônico explica por que essa radicalidade é tão temida ou tem estado ausente no pensamento educacional, nos currículos de formação em Pedagogia e Licenciatura, nas políticas e diretrizes curriculares que persistem em prometer, oferecer aos oprimidos políticas de tirá-los da in-humanidade e incluí-los na humanidade, tirá-los da subcidadania e incluí-los na cidadania, mas apenas se provarem ser educáveis - humanizados(Arroyo,2015)”.

Há em meio a nossa sociedade como um todo uma urgência de uma proposta pedagógica que vislumbre o sujeitos em suas totalidades, por que o processo de ensino aprendizagem é muito complexo e não pode ser feito de forma aleatória sem planejamento sem considerar que as crianças , jovens e adultos que chegam em nossas escolas trazem consigo experiências de sua realidade que gera saberes plurais. Isso exige uma proposta plural e integradora que propicie uma aprendizagem significativa só assim as instituições educacionais vão de fato exercer o seu papel que é devolver a este sujeito a sua integralidade sua humanidade que é prepositivamente negligenciada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma , a partir desta reflexão acerca de todo esse processo pelo qual a educação vive ao longo dos anos , retomar o pensamento freiriano nos dias atuais se torna urgente diante da atual realidade em que vivemos, onde cada vez menos se investe em educação, pesquisa ou seja formação e desenvolvimento humano, querem nos manter em uma redoma alienante estagnados na ignorância. É lamentável ouvir o próprio ministro da educação dizer que “alunos com deficiência atrapalham o aprendizado dos demais” isso mostra como temos caminhado a passos largos em retrocesso, justamente por ter pessoas totalmente despreparadas e com um visão muito equivocada acerca da importância da educação no processo da formação humana.

Os indivíduos que estão à margem da sociedade, sujeitos estes que representam a maioria em nossa sociedade são violentados, sim por que considero uma violência contra o ser humano ter um estado e seus governantes a todo tempo negligenciando de forma propositiva os direitos como (Educação,Emprego,Moradia,Alimentação,Segurança etc) que permitem a estes sujeitos ter o mínimo para sobreviver de forma digna, por isso para se falar de educação de qualidade é preciso também falar de políticas públicas que vislumbre este sujeito e suas necessidades de forma integral de modo a garantir a permanência destes alunos nas escolas tendo em vista que a evasão escolar tem aumentando de forma preocupante.

Esta retomada do pensamento de Paulo Freire reafirma que temos consciência desta violência que milhares de homens, mulheres jovens e crianças têm sofrido ao longo de toda a história, não podemos e não vamos desistir de lutar por uma educação que tenha como objetivo a formação humana e não apenas mão de obra qualificada não só podemos como devemos ocupar qualquer lugar que quisermos nesta sociedade.

A pedagogia freiriana vê os oprimidos como seres humanos que estão em constante construção sendo assim precisamos ser educadores que praticam uma escuta atenta e sensível às reais necessidades desse sujeito que chega às escolas com um histórico de opressão social, política, cultural onde o desemprego, a fome e a falta de moradia fazem parte da sua realidade. Deste modo é extremamente importante que nós educadores , educandos e todos os marginalizados desta sociedade, mantenham-se unidos em um só propósito o de lutar por uma pedagogia que reconheça todo e qualquer sujeito independente da sua classe social como sujeito de direito, de saberes, e de voz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel. *Paulo Freire, outro Paradigma Pedagógico*. Educação em Revista, v.35, n.e214631, 2019

BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

LUCKESI, Cipriano. *Tendências Pedagógicas na prática escolar*. IN: **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez. 1994.

PORFÍRIO,Francisco."PauloFreire";BrasilEscola.Disponívelem:<https://brasilescola.uol.com.br/biografia/paulo-freire.htm>. Acesso em 10 de setembro de 2021.

SCHONORR, Giselle Moura. Pedagogia do Oprimido. IN: SOUZA, Ana Inês. Paulo Freire: vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 2010.